Preço 1$00 — Quinta-feira, 14 de Junho de 1956 — Ano II - N.º 67

A PROVÍNCIA

Semanário

AVENCA

INFORMAÇÃO •• CULTURA •• RECREIO

Proprietário, Administrador e Editor
V. S. MOTTA PINTO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — AV. D. NUNO ÁLVARES PEREIRA - 18 — TELEF. 026 467
MONTIJO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA «GRAFEX» — TELEF. 026 236 — MONTIJO

DIRECTOR
ÁLVARO VALENT

A Biblioteca em sua casa

«O QUE É A UNESCO»

(Continuação do número anterior)

POR
José dos Santos Marques

UNESCO — É a forma abreviada e correntia de designar a «Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura».

Remontando à génese desta organização, à Conferência de ministros aliados de Educação, que teve lugar em Londres, em plena guerra mundial, foi após a Conferência das Nações Unidas, em São Francisco, que, por iniciativa dos governos francês e inglês, se realizou em Londres uma outra conferência, menos noticiada nos jornais, mas nem por isso menos fecunda. Quarenta e três nações estiveram representadas nessa autêntica Conferência de Paz. E, em 16 de Novembro de 1945, foi adoptada a Acta constituitiva do novo organismo internacional.

Já anteriormente, depois da 1.ª Grande Guerra, se criara o Instituto Internacional de Cooperação intelectual, integrado na Sociedade das Nações, de que a ONU é mais feliz sucedânea, por resultar duma comunidade mais larga e, portanto, mais representativa, dos povos do mundo, inspirada no desejo de conseguir a paz e o entendimento entre as nações.

A Sociedade das Nações ou os homens que a criaram, reconheceram que não bastava que os políticos se unissem para negociarem as questões interessando aos seus governos, mas que seria necessário criar bases mais firmes, seccionando em organismos diversas parcelas das actividades existentes em cada país, cujas condições de existência, de aperfeiçoamento e até de auxílio mútuo, seriam elevadas a um plano internacional.

Foi assim que nasceram o Bureau International du Travail, o Bureau International d'Éducation, a Organisation Mondiale de Santé, com sede em Genebra, vivendo sob a protecção da Sociedade das Nações e, como é óbvio, para servir os seus fins.

A Sociedade das Nações não conseguiu pelo entendimento pacífico entre os governos evitar o último conflito mundial, cessou as suas actividades, e os organismos filiados, se não morreram por completo, deixaram de ter iniciativas, passaram a ter vida vegetativa, não fechando as suas sedes, mas guardando o passado e aguardando o futuro.

Depois de 1945, e por detrás da cortina de confusões erguida pelos palradores profissionais do tablado da política internacional, o ideal da paz consolidou-se e uma organização verdadeiramente humana cresceu e alargou-se entre os povos: a Organização das Nações Unidas — para a *Educação* — a *Ciência* — e a *Cultura*.

O enunciado dos seus

(*Continua na página 4*)

Crónicas Irrequietas - 26

A Fobia dos Folhetins

POR
ÁLVARO VALENTE

Como que por encanto, de há tempos a esta parte desabou sobre os pobres ouvintes das telefonias tal catadupa de folhetins que ameaça submergir os intelectos e as paciências, noutro dilúvio de aquáticas consequências.

É, pelo menos, uma desoração deplorável, em que a distracção fica absorvida pela patacoada sem trambelho, pela trivialidade sem asas, pela invasão doentia do «pinga amor» em torrentes!

Voltámos novamente àquela época distante, e bem distante, do «ai, amor, acabaram se os dias», do «vai alta a lua na mansão da morte».

Os assuntos apresentados são duma pièguice estrábica, duma infantilidade tiritante que provoca bocejos e maldições.

A onda entrou pelos lares domésticos e invadiu todos os compartimentos da ordem económica e da disciplina, indispensáveis ao bom funcionamento da máquiua diária, originando balbúrdias e transtornos que já se não coadunam com a hora presente.

Começam os folhetins pífios às sete e meia, e, pelo dia adiante, é um nunca acabar de emissões com velharias adaptadas, com autênticas histórias da «carochi-

(*Continua na página 5*)

Em redor da bola...

Os Heróis Anónimos

POR
Carlos Mascarenhas

Arrumadas as botas — o mesmo é dizer: concluído o Campeonato Nacional, e levado a bom termo (para o vencedor...) o «bota-fora» da Taça de Portugal (de que andámos suspensos como as entradas de favor nos cinemas em exibição de «exclusivos») — é-nos lícito, enfim, respirar fundo e volver as atenções para outras actividades de somenos importância.

Pois seja. Singrando contra a corrente, pensamos em qualquer coisa, entreguemo-nos ao extenuante exercício de desemperrar os neurónios e peças sobresselentes da maravilhosa máquina do bestunto.

Pensar é fácil; mas exteriorizar o pensamento é algo difícil... Que assunto havemos, pois, de abordar? O fado corrido da Argélia, de Chipre, do Egipto? Mas isso, vai de longada... Que fazer, então? Só nos resta a fonte Castália. Vamos a ela!

Folheando, por conseguinte, um dos últimos números de «*A Província*», deparou-se-nos o *leit-motiv* na reprodução do seguinte angustioso brado:

«Lamentamos profundamente que de Alhos Vedros e Baixa da Banheira, localidades onde os nossos préstimos são mais assíduos, haja um número tão reduzido (mesmo insignificante) de sócios desta tão útil obra, pelo facto de serem estas localidades para onde somos mais vezes solicitados». (1)

E é isto que se está vendo! Uma Associação Humanitária, que a todos pode servir, a lembrar ao desinteresse público a sua precária existência! Uma Corporação de Bombeiros a debater-se com as vicissitudes que lhe advêm da falta de apoio de quem não está livre de carecer dos seus préstimos.

Uma brigada de apóstolos do Bem a pedir socorro para poder socorrer quem só pensa nela como em Santa *Bárbara*...!

Este caso sintomático, que não é único, é, afinal a situação em que se encontram tantas outras agremiações similares que esbracejam por muitas terras do país das uvas... e do escalracho.

De facto, quantas Corporações de Voluntários vivem quase por si próprias, nutrindo-se da sua depauperada seiva, para cumprirem a missão que se impuseram a bem do próximo, afastado quase sempre dos postulados da solidariedade?! Quantas dificuldades têm de vencer as Direcções para, na impossibilidade de os desenvolverem, manterem ao menos os seus limitados serviços?!

Que mirabolantes equilíbrios de orçamento para que as despesas não excedam as receitas, para que os compromissos assumidos não se transfigurem em «fantasmas» que abalem o prestígio dessas instituições?! Que soma de dedicações

(*Continua na página 7*)

Terras de Portugal

«Idanha-a-Velha»

Idanha a Velha Ruinas da Catedral

Sobre a modesta freguesia de Idanha-a-Velha, herdeira dos pergaminhos enrugados da vetusta cidade da Egitânia, a maior entre as maiores cidades do reino dos godos, muito se tem escrito e está para se escrever. Sobre este burgo medievo escreveram (que nós saibamos), o mestre e amigo, Dr. Leite de Vasconcelos que lhe chamou «ruína das ruínas», António Capelo Manzana que, ainda jovem, encontrou a morte num estúpido desastre de automóvel, o Dr. Jaime Lopes Dias, etc.. Por nossa vez, dedicámos-lhe os nossos trabalhos «Diocese da Guarda» e «Da Velha Egitânia».

Actualmente, está no prelo um valioso trabalho do distinto arqueólogo, Dr. D. Fernando de Almeida, que, no verão passado, dirigiu as explorações que foram feitas por conta dos *Estudos de Etnologia Peninsular*. O sr. D. Fernando foi auxiliado pelos Dr. Artur de Gusmão e Eng.º Octávio da Veiga Ferreira. Estas explo-

Prof. José Manuel Landeiro

(*Continua na página 4*)

MONTIJO

VIDA PROFISSIONAL

Médicos

Dr. Avelino Rocha Barbosa
Das 15 às 20 h.
R. Almirante Reis, 68, 1.º
Telef. 026 245 — MONTIJO
Consultas em Sarilhos Grandes, às 9 horas, todos os dias excepto ás sextas feiras.

Dr. Eduardo Gomes
Consultas todos os dias às 17 horas
R. Machado Santos, 6-1.º
Telef. 026038 — MONTIJO

Dr. Fausto Neiva
Largo da Igreja, 11
Das 10 às 13 e das 15 às 18 h.
Telef. 026 256 — MONTIJO

Dr. J. Sousa Correia
CLINICA DENTÁRIA
Dentes artificiais e consertos
Consultas todos os dias
das 11 às 13 e das 15 às 17 horas
Rua Bulhão Pato, 58 — MONTIJO

Dr. M. Santos Cruz
Interno dos hosp. civis de Lisboa
Doenças da boca e dentes
Dentes artificiais
Consultas às 2.as e 6.as feiras
às 14 horas.
R. Bulhão Pato, 7 — Montijo

Dr.ª Isabel Gomes Pires
Ex-Estagiária do Instituto Português de Oncologia.
Doenças das Senhoras
Consultas às 3.as e 6.as feiras
R. Almirante Reis, 68-1.º-Montijo
Todos os dias
Rua Morais Soares, 116-1.º
LISBOA Telef. 48649

Parteiras

Felisbela Victória Pina
Parteira - Enfermeira
Partos, injecções e tratamentos
Rua Sacadura Cabral, n.º 50
MONTIJO

Augusta Marq. Charneira Moreira
Parteira-Enfermeira
Diplomada pela Faculdade de Medicina de Coimbra
Rua Tenente Valadim, 29-1.º
MONTIJO

Advogados

Dr. Alberto Cardoso do Vale
Escritório: Praça da República, 4
MONTIJO

Dr. Raúl Elias Adão
Montijo — Telef. 026 252
Praça do Quebedo, 1-r/c
Telef. 2240 — Setúbal

Tendo V. Ex.ª que efectuar Seguros em qualquer ramo não deixe de consultar
Luís Moreira da Silva
Rua Almirante Reis, 27
Telefone 026 114
MONTIJO

Telefone 026 376
Para boas Fotografias
Foto Montijense

Da Intendência Pecuária de Setúbal

recebemos a seguinte comunicação:

É do conhecimento geral o carinho que V. dispensa aos assuntos susceptíveis de interessarem os leitores do vosso conceituado periódico, e, nestas circunstâncias, permito-me informar que grassa com aspecto muito grave, e extraordinário poder de dispersibilidade a mixomatose nos coelhos dos concelhos de Alcácer do Sal, Grândola, Palmela, Santiago de Cacém e Sines.

Estão já tomadas medidas excepcionais pela Direcção Geral dos Serviços Pecuários, destacando-se as expressas no edital de Ex.mo Sr. Governador Civil, deste Distrito, datado de 2 do corrente.

A referida zoonose foi criminosamente importada da Austrália e intraduzida em França, pelo Dr. Armand Delille, que em 1952 infectou coelhos bravos de uma sua propriedade, com o fim de os exterminar, alegando os prejuizos por estes causados nas suas culturas.

Não tardou que toda a França pagasse caro o acto, talvez irreflectido, do referido médico, pois a doença, ràpidamente, se espalhou, tomando o aspecto panzoótico e destruindo uma grande parte da cunicultura francesa e criar graves problemas às actividades afins.

Apesar das medidas internacionalmente tomadas, a epizootia alastrou pela Bélgica, Luxemburgo, Alemanha, Austria, Inglaterra e Espanha.

Não tardou que a rota devastadora atingisse as nossas fronteiras e, há cerca de 10 dias, tomámos conhecimento dos seus nefastos efeitos por terras alentejanas.

Trata-se de uma doença infecto-contagiosa, provocada por um *virus* específico que ataca quase exclusivamente o coelho, podendo também a lebre ser atingida.

Caracteriza-se por evolução aguda matando, por vezes, ràpidamente as suas vítimas.

O período de incubação, em condições naturais, é muito variável, todavia, ronda os 10 a 15 dias.

A doença manifesta-se por uma blefero-conjuntivite bilateral, com lacrimejamento que se torna abundante; as pálpebras apresentam se edemaciadas e a secreção, a princípio de aspecto aquoso, torna-se purulenta e provoca a aderência das pálpebras.

Um ou dois dias, depois dos primeiros sintomas, que são por via de regra os oculares, surgem no corpo edemas de consistência elástica, primeiro de coloração rosada, para se tornar vermelha e por fim escura, no ânus, vulva, prepúcio e escroto.

Por fim aparecem os tumores mixomatosos, cutâneos ou subcutâneos, sob a forma de nódolos hemisféricos, muito duros e de dimensões variadas.

Estes tumores podem confluir, dando ao animal um aspecto monstruoso.

A princípio, o estado geral do animal, não sofre grande alteração, porém, pouco a pouco, perde o apetite, a respiração torna-se difícil e o animal morre, geralmente, num estado de miséria orgânica.

O diagnóstico é relativamente fácil, pois a sintomatologia dificilmente se confunde com outra doença.

Muito poucos são os coelhos que apresentam imunidade e a transmissão da doença, que é fácil e auxiliada pelas moscas e mosquitos e outros insectos. Não existe, até agora, qualquer tratamento eficaz. O Laboratório Central de Patologia Veterinária tem já preparada vacina que ràpidamente imuniza cerca de 70° ₀ dos coelhos, em cerca de 3 dias.

As medidas principais aconselhadas para o combate à doença são:

Abate e enterramento fundo, com cal, de todos os coelhos doentes, ou que com eles coabitarem; destruição pelo fogo, ou desinfecção, das coelheiras com solutos de formol e soda cáustica, ou criolina a 3°/₀, e vacinação de todos os animais sãos.

Há, por consequência, necessidade de se proceder à vacinação de todos os coelhos, o que, nas zonas infectadas, está tornada obrigatória, por edital do Ex.mo Sr. Governador Civil.

Não se deve proceder à vacinação dos animais doentes nem suspeitos.

No local da inoculação da vacina forma-se uma tumefacção de dimensões variáveis com o grau de imunidade conferida. As dimensões de uma moeda de um escudo, asseguram uma boa imunidade; as muito pequenas reacções não dão garantias de que o animal esteja bem vacinado e aconselham a revacinação.

Permita-me ainda V. solicitar o obséquio de chamar a atenção dos proprietários para não criarem dificuldades às brigadas encarregadas do combate à doença e a denúncia aos veterinários municipais, ou a esta Intendência, dos focos de que tiverem conhecimento.

Com os protestos da mais elevada consideração, creia-me V. incondicionalmente ao seu dispor e

A bem da Nação
Setúbal, 4 de Junho de 1956
O Intendente de Pecuária
Joaquim Augusto Barros

Festas Populares de S. Pedro

Aproximam-se velozmente os dias festivos. Já não faltam quinze dias para o início! Montijo prepara-se com todo o afã para receber os seus visitantes e provar que as Festas Populares de S. Pedro correspondem à expectativa e ao programa distribuido.

De 27 de Junho a 3 de Julho, — SETE DIAS! —, toda a nossa terra vibrará na intensa preocupação do maior êxito!

Nunca é demais repetir: Vinte Bandas de Música, quatro Ranchos Folclóricos, (o do Cartaxo, o de Santa Marta, o de Alcácer, e o dos nossos Pescadores), Feira Franca, Batalha de Flores, Marcha Luminosa, avenidas e ruas e praças (como em poucas terras se encontram) decoradas e iluminadas em fulgurantes arraiais, a igreja matriz transformada num paraíso de estrelas, jardins ornamentados, recepções, queima do batel, — tudo quanto esse programa encerra e que deliciará a vista e o espirito durante o período das festividades.

A parte religiosa, que constará de cerimónias nessa igreja matriz, procissão e bênção dos barcos, impõe-se pela sua grandiosidade e pela forma como está organizada.

Nada desmerecerá, portanto, dos anos anteriores e, ao contrário, excederá tudo quanto se poderia esperar de surpreendente.

Na avenida D. Nuno Alvares Pereira instalar-se-ão «estandes» para várias empresas industriais e comerciais exporem, não havendo já um palmo de terreno para os retardatários, — o mesmo acontecendo na Feira Franca.

Enfim, sem exageros, poderemos dizer que toda a vila se apercebe da proximidade das Festas e freme de entusiasmo a cada hora que passa e mais a aproxima dos primeiros números do programa.

As Festas Populares de S. Pedro vão marcar, mais uma vez, o seu lugar ao sol da publicidade e demonstrar que exprimem a verdade quando se diz que são as melhores do sul de Portugal.

Comparações, que as tire depois quem a elas assistir. Nós, limitar-nos-emos a descrever a magnificência com que tudo se prepara e com que tudo se apresentará.

SANFER, L.DA

SEDE — LISBOA, Rua de S. Julião, 41-1.º
ARMAZÉNS — MONTIJO, Rua da Bela Vista

AEROMOTOR SANFER o moinho que resistiu ao ciclone - FERROS para construções, ARAMES, ARCOS, etc.
CIMENTO PORTLAND, TRITURAÇAO de alimentos para gados
RICINO BELGA para adubo de batata, cebola, etc.
CARRIS, VAGONETAS e todo o material para Caminho de Ferro
ARMAZÉNS DE RECOVAGEM

Mercado

PINHAL NOVO 7 — O mercado, que devia efectuar-se no passado dia 10 do corrente, foi adiado para Domingo, 17 do corrente, em virtude daquele dia 10 ter sido feriado.

VIDA MUNICIPAL

Resoluções da última reunião da Câmara:

OBRAS:

— Alterar a placa central da Praça 1.º de Maio.

— Continuar activamente as do alargamento da estrada que conduz à ponte dos Vapores.

Várias:

— Adjudicar a construção da estrada de Canha às Faias por 119.672$90 ao sr, Luís Liebknekt Rodrigues do Santos (1.ª fase).

— Aprovar a postura de Regulamentação do trânsito, com as alterações propostas.

Ateneu Popular de Montijo

Da Ex.ma Direcção desta tão útil colectividade recebemos o seguinte comunicado:

Em Assembleia Geral Ordinária, realizada em 30 de Maio do corrente ano, para apresentação de Contas relativas ao ano de 1955 e, para eleição dos Novos Corpos Gerentes, foi a mesma assembleia concorrida e foram eleitos os seguintes membros:

Assembleia Geral: **José Margalho Félix Pinto, Presidente; Armando Luís Iça, 1.º Secretário; Alvaro Mota, 2.º Secretário.**

Direcção: **Sidónio Guerreiro Pereira, Presidente; João Ferreira da Veiga Serra, Secretário; Carlos Manuel Iça da Silva, Secretário Administrativo; Gabriel Elísio, Tesoureiro; João Carvalho Matias, 1.º Bibliotecário; José Viegas Passinha Júnior, 2.º Bibliotecário.**

Conselho Fiscal: **Álvaro Avelino da Veiga Serra, Presidente; Raúl Marques Júnior, Secretário; José Manuel Cardeira Moura, Relator.**

Mais comunicamos que ficaram agregados à Direcção os seguintes indivíduos:

Agregados à Direcção: **Ricardo Lourenço, Cândido Tavares Rosa da Silva e Mannel Carlos Morais Cabrita, que colaborarão em todas as iniciativas, mòrmente as que se relacionem com as actividades da Biblioteca.**

Aproveito a oportunidade para cumprimentar V. como Director do Jornal «A Província», principal órgão defensor dos interesses de Montijo, bem como acérrimo defensor e propagandista das actividades colectivas; augurar-lhe os maiores êxitos jornalísticos para bem da CULTURA E DO PROGRESSO deste nosso querido rincão.

Agradecemos, reconhecidos, a gentileza que nos dispensaram e as palavras que nos dirigiram, com os votos das maiores prosperidades à instituição.

Esta colectividade realiza a sua 1.ª excursão no 2.º domingo da Feira de Santiago, em Setúbal, com o seguinte itinerário:

Montijo — Setúbal, (combóio especial); Arrábida — Troia, (barco); Setúbal — Montijo, (combóio).

A inscrição custa *escudos 25$00.*

Felicitamos a nova Direcção por esta iniciativa que, certamente, será mais um êxito para a popular colectividade.

Que tudo corra com a maior grandeza, elevação e entusiasmo, — são os nossos votos.

MONTIJO

AGENDA ELEGANTE

Aniversários

— Dia 6, o Sr. João de Jesus Outeiro, nosso dedicado assinante.

— Dia 7, o nosso assinante sr. Raúl Alexandre Rosa Barros.

— Dia 8, o sr. João Gabriel Sacoto Martins Fernandes, filho da nossa prezada assinante sr.ª D. Maria Elvira Borges Sacoto.

— Dia 12, o nosso assinante sr. José de Sousa Martins.

— Dia 13, José Francisco da Costa Cartaxo, filho do nosso assinante sr. José Maria Cartaxo.

— Dia 14, o menino Victor Manuel Henriques Santos, filho do nosso estimado assinante no Poceirão, sr. Luciano Bento.

— Dia 15, o nosso assinante sr. Álvaro da Costa Silva.

— Dia 19, o sr. José Tavares Baliza, genro da nossa dedicada assinante D. Balbina Isaura Pialgata.

— Dia 21, a Esposa do nosso estimado assinante em Alhos Vedros, sr. Elídio José Pereira.

Casamento

No dia 7 do corrente realizou-se na nossa igreja matriz o casamento da sr.ª D. Deborah Luz Alves, gentil filha da sr.ª D. Carmina Luz Alves e do sr. Constantino Alves, já falecido, com o sr. Carlos Andrade, filho da sr.ª D. Ernestina Maria e do sr. Emídio Andrade.

Foram padrinhos, por parte da noiva, a sr.ª D. Odília Pereira Jardim e o sr. Frederico Pereira Jardim; e por parte do noivo, a sr.ª D. Laura Manafaia e o sr. Joaquim Manafaia.

«A Provincia» felicita os noivos e deseja-lhes um ridente futuro, repleto de felicidades e de venturas.

Agradecimento

Cristiano José Barrigana

Sua esposa, filhos, netos e genro José Maria da Guarda, vêm por este meio agradecer a todas as pessoas que acompanharam à sua última morada seu querido marido, pai, avô, e sogro.

Informações Várias

— Pelo sr. Comandante do Posto da Guarda Nacional Republicana foi-nos comunicado que se encontram ali depositados os seguintes objectos:

— Uma caixa com atacadores; um *cache-col* de lã; outros pequenos achados.

Serão entregues a quem provar que lhes pertencem.

— Durante o presente mês de Junho e durante o próximo mês de Julho, não se pode vender a batata por mais de 1$30 o quilo, em qualquer terra do país.

— Os produtores de azeite, os proprietários, os rendeiros, os gerentes ou parceiros de lagares, são obrigados a manifestar as quantidades daquele produto que detenham em seu poder, — segundo uma portaria dos ministros da Economia e do Interior, saída há poucos dias.

— O prazo do concurso para a construção da Praça de Toiros de Montijo, foi novamente prorogado até o dia 20 do corrente, a pedido de todas as firmas concorrentes. A Comissão resolveu deferir e prorogar pela última vez.

10 de Junho
Dia de Portugal

Comemorou-se no passado dia 10 a data do falecimento do nosso épico Luís de Camões, denominando-se, em atenção a essa data, o «Dia de Portugal».

Profunda de sentimento e de patriotismo, a escolha desse dia representa para todos os portugueses a homenagem prestada à memória do que cantou as nossas glórias e as levou ao conhecimento de todo o mundo civilizado.

Em Montijo, que nós saibamos, limitou-se tudo ao hasteamento, aliás habitual aos domingos, da bandeira nacional nos edifícios do costume.

Não foi, com certeza, por falta de quem colaborasse na celebração.

Lamentamos sinceramente o facto.

Apenas, que nos conste, se realizaram pequenas sessões nalgumas escolas, em que os professores fizeram prelecções. Foi pouco, muito pouco...

Audição de Piano

No próximo sábado, 16 do corrente, pelas 21 horas e 30 minutos, realiza-se na sede do Musical Clube Alfredo Keil a habitual audição de piano dos discípulos de D. Judite Rosado, — distinta professora que todos os anos traz a público os resultados dos seus esforços e o progresso artístico dos seus alunos.

O sarau deste ano divide-se em três partes, sendo as duas primeiras destinadas pròpriamente às audições de vários trechos, a duas e quatro mãos, e a última a baile, com a apreciada orquestra «*Eldorado*».

Agradecemos o bilhete e o convite que, certamente, a Ex.ma Professora enviou ao nosso jornal, e fazemos votos para que a festa deste ano continue os êxitos dos anos anteriores.

Concurso Hora Feliz

Mais uma vez se deslacrou o célebre relógio guardado na nossa Redacção.

Foi no dia 7, pelo meio dia. O relógio parara nas:

2 horas e 53 minutos

O cupão pertencia a D. Maria Augusta dos Santos, residente em Montijo.

Em pleno sucesso o Concurso que a Ourivesaria e Relojoaria Contramestre, da Praça 1.º de Maio, está realizando.

Ainda está a tempo de se habilitar.

Porque hesita?

AO CONCURSO HORA FELIZ!

Festas P. de S. Pedro
A' última hora

Estamos informados de que o vizinho lugar de S. Francisco, — tão da nossa amizade e simpatia —, se fará representar na Batalha de Flores com um carro ornamentado e um grupo regional, composto por lavradores e lavradeiras.

Acompanhá-los-á um grupo musical e grande parte da população.

Muito nos congratulamos com esta atitude, que serve de exemplo a tantos que se desinteressam e tinham o dever de se mostrarem mais bairristas.

«A Província» saúda o nobre povo de S. Francisco, o seu grupo regional, e o seu gesto.

Salvé!

O Vespa Clube de Lisboa e as Festas Populares de S. Pedro

A convite e por iniciativa de «A Província» (não custa nada dizê-lo) desloca-se a Montijo, no dia 1 de Julho, o Vespa Clube de Lisboa que vem visitar a nossa terra e tomar parte na Batalha de Flores desse dia.

Foi «A Província» que conseguiu essa colaboração e a patrocinou.

Assentes estas verdades, resta-nos acrescentar que foi desta iniciativa que nasceu a organização do Clube local, o qual será inaugurado oficialmente nesse dia, após o almoço que se realiza.

E desnecessário acentuar o entusiasmo que vai pela vila e entre os desportistas montijenses por essa visita.

Tudo se prepara para que a recepção seja calorosa e para que os simpáticos vespistas levem da nossa terra a mesma impressão indelével que levam todos quantos vêm até nós.

Estamos certos de que os desportistas montijenses saberão corresponder à gentileza do Clube da capital, recebendo-os como irmãos da mesma Causa e concorrendo para que tudo decorra com o maior brilho.

Acompanha os visitantes um carro ornamentado, onde foram destinados quatros ou seis lugares para outras tantas raparigas montijenses, o que constitui nova gentileza muito de agradecer.

«A Província» regozija-se por trazer a Montijo tão honrosa embaixada e espera que o êxito corresponda à expectativa geral.

Obras na Praça 1.º de Maio

Em virtude da resolução camarária, está sendo alterada a placa central da Praça 1.º de Maio.

Os moradores dessa Praça vêem que, com essa alteração, ainda fica mais inestético o que inestético já estava, pois esperavam que ali se fizesse um pequeno jardim, com bancos para descanso.

Na verdade, também estranhamos o que ali se está fazendo, tanto mais que, fora da Praça da República, não há nenhuma praça ajardinada e ficaria muito a propósito um jardim, ainda que pequeno, à entrada da nossa terra por esse lado.

Esperamos que seja tomado na devida consideração este alvitre, pois muito se embelezaria a referida praça e assim se satisfaria o desejo dos seus moradores.

Banda Democrática 2 de Janeiro

Domingo 17, programa das Festas da inauguração da Nova Sede

A's 8 horas — Salva de 21 tiros.

A's 10 horas — Saída da Banda, e concerto no Coreto Municipal, sob a regência do Maestro Homero Ribeiro Apolinário.

A's 17 horas — Saída da Banda, percorrendo as ruas da vila, com concentração defronte da nova sede. Entrega desta pela Comissão e inauguração oficial, com a presença das entidades oficiais.

A's 18 horas — Sessão solene na esplanada da nova Sede.

A's 22 horas — Baile inaugural da esplanada da nova Sede, gentilmente abrilhantado pela orquestra «Os Reis da Alegria».

«A Provincia», regozija-se com estas festividades que anunciam o progresso e o prestigio, cada vez maior, da Banda Democrática 2 de Janeiro, de Montijo, e manifesta inteiramente a sua simpatia pela gloriosa Banda.

As nossas sinceras felicitações.

Liga dos Combatentes da Grande Guerra

Conforme noticiámos no número anterior, efectuou-se no passado Domingo, 10 do corrente, a inauguração do talhão dos combatentes no cemitério local. Para o efeito, deslocou-se a Montijo o sr. general Daniel de Sousa, com sua Ex.ma Esposa e sobrinha, os quais foram recebidos pela Delegação Montijense, pelos Combatentes e muito povo.

Foram-lhes dadas as «boas vindas» no salão nobre da Câmara Municipal pelo vice-presidente, sr. António João Serra, o qual se encontrava acompanhado pelo sr. capitão José Maria de Vasconcelos.

Nesse acto foi oferecido, pela neta do sr. Emídio Tobias, presidente da Delegação em Montijo, aos ilustres visitantes um lindo ramo de cravos.

Em seguida, procedeu-se no cemitério à entrega do talhão destinado aos combatentes. Usou da palavra o sr. Francisco Marques Catum, tesoureiro da Delegação, que agradeceu a comparência dos assistentes e manifestou o reconhecimento dos Combatentes para com o sr. Presidente da Câmara e antigo vereador, sr. Joaquim da Fonseca J.or pelo acolhimento e facilidades concedidas à Delegação, no sentido de se conseguir a obra inaugurada.

Prosseguindo, afirmou que não podia deixar de frisar a acção desenvolvida pelo presidente da Delegação, sr. Emídio Tobias, a quem os Combatentes ficam devendo todos os esforços que dispensou para que fosse uma realidade o que há muito se impunha.

Fez um apelo aos Combatentes para que se não desinteressassem da Liga, «lembrando-lhes que ainda era ela a entidade que mais se esforça pelo bem estar dos mesmos, sendo o maior e o melhor esteio de que dispõem».

Finalmente, agradeceu ao Sr. general Daniel de Sousa a sua presença no acto, desejando-lhe longos e felizes anos de vida para alegria da Ex.ma Família e conforto moral dos Combatentes.

O Sr. general Daniel de Sousa, que procedera à inauguração e à entrega da chave ao presidente da Delegação, falou também para dizer que cumprira apenas o seu dever de soldado em vir ali, perfazendo assim mais de cem talhões que inaugurara, lamentando que sòmente a 2.ª cidade do país ainda não tivesse o que Montijo agora já tinha.

No restaurante Império efectuou-se mais tarde o almoço de homenagem ao Sr. general, usando novamente da palavra «o mais obscuro soldado da guerra de 1914-1918» Sr. Francisco Marques Catum, agradecendo também o Sr. general Daniel de Sousa a forma como foi recebido e as deferências que lhe tinham dispensado.

E assim terminou esta gloriosa jornada, sempre com brilhantismo e elevação, pelo que nos permitimos saudar e felicitar a Delegação e sua Comissão Administrativa pela forma como tudo decorreu.

Seguros de Vida

Ao contrário do que muita gente pensa, o Seguro de Vida não é caro.

Peça grátis e sem compromisso o folheto explicativo, ao Agente da C.ª de Seguros Império — *Fernando A. C. Pedroso* — Telefone 024059 — *Alhos Vedros*.

«Só enviamos para os concelhos limítrofes».

AGENDA UTILITÁRIA

Farmácias de Serviço

5.ª-feira, 14 — *Montepio*
6.ª-feira, 15 — *Moderna*
Sábado, 16 — *Diogo*
Domingo, 17 — *Giraldes*
2.ª-feira, 18 — *Montepio*
3.ª-feira, 19 — *Moderna*
4.ª-feira, 20 — *Diogo*

Espectáculos

CINE POPULAR

5.ª feira, 14; O interessante *filme* italiano «A Migalha», no programa complementos curtos e Revista Paramount.

Sábado, 16; O *filme* da Metro, em fenomenal reposição «O Despertar», no programa, Imagens de Portugal.

Atenção: — Neste espectáculo é permitida a entrada de crianças maiores de 6 anos.

Domingo, 17 e 2.ª feira, 18; A produção franco-italiana em Stereocinescópio «A Capa Vermelha».

CINEMA 1.º DEZEMBRO

Sábado, 16; (Para 18 anos) O mais assombroso *filme* em cinemascópio, «Pique Nique», um *filme* diferente como nunca se viu.

Domingo, 17; (Para 13 anos) 2 grandes *filmes*, o famoso *filme* de capa-espada em tecnicolor, «O Emissário Del-Rei», e o lindo *filme* histórico, «Escravos da Babilónia».

2.ª feira, 18; (Para 13 anos) Uma reposição a pedido do grande *filme* de episódios de fantásticas aventuras na selva «Tunda, o Rei do Congo».

4.ª feira, 20; (Para 18 anos) Um drama violento, com a mulher mais bela do cinema, Shofia Loren, «A Rapariga do Rio Pó», e Jornal Universal de Actualidades.

Trespassa-se

— MERCEARIA, situada em bom local, e condições de futuro, por motivo de retirada. — Informa-se nesta Redacção.

— PENSÃO, com taberna, camas, adega e esplanada. Ver e tratar na Rua Almirante Reis, 108 - Montijo.

Vende-se

— PROPRIEDADE, sita na Rua Joaquim de Almeida, (em frente ao novo cinema).

Trata-se na Av. do Parque Municipal — Vivenda Nascimento, 1.º andar.

Oferecem-se

— EMPREGADO, com prática de mercearia e taberna. Informa-se na casa do sr. Inácio Rocha — R. do Hospital, 5 — Montijo.

— BARBEIRO, oficial apresentável. Resposta: Barbearia Alentejana — Pinhal Novo.

— DACTILÓGRAFA com diploma, alguma prática, para trabalhar depois das 19 horas. Tratar com a própria na Redacção deste jornal.

Emprestam-se

— 100.000$00 sobre hipoteca. Nesta redacção se informa.

Camiões

Os seguros aumentaram de 10 a 100%. Se tem dificuldade em pagar a anuidade, pode pagar em 12 prestações mensais.

Agente em Montijo, Francisco José da Silva - Telef. 026158.

2 LOTES DE TERRENO para construção, no Bairro da Bela Vista — Informa-se pelo Telefone 026452.

Terras de Portugal

(*Continuação da 1.ª página*)

rações tiveram o melhor dos sucessos, tendo sido encontrados objectos de grande valor para a história da povoação, pois pertencem a diferentes épocas.

Graças a este nosso particular amigo, Idanha-a-Velha está hoje incluída nos «Monumentos Nacionais». Quem hoje for a esta povoação, encontrará as suas muralhas desventradas, cujas pedras atestam a passagem de muitas civilizações. Ali se vêem, igualmente, restos da torre de menagem de D. Sancho II, e os da Catedral que, até há meia dúzia de anos servia de cemitério. Lá está o Pelourinho, símbolo da sua grandeza municipal. Com inscrições epigráficas que têm aparecido no subsolo e em casas, o sr. António Pádua Capelo Manzarra Marrocos fez um interessante museu lapidar, onde coleccionou pedras tumulares de grande valor arqueológico, moedas romanas e de outras épocas, azulejos hispano-árabes, cornijas, bilhas, colunas e capitéis da «Ordem Toscana», fragmentos de mármore de colunas salónicas, etc.. A colecção de moedas, em ouro, do sr. Marrocos, das mais ricas do país, figurou na nau «Portugal», por ocasião da Exposição do Mundo Português.

Em 569 já tinha diocese, pois a ela se referem as actas do Concílio de Lugo, que dividiu a Lusitânia em seis bispados. Embora a povoação tivesse deixado de ter o nome de Egitânia, contudo, a diocese sucessora, a da Guarda, é ainda, graças a um decreto do papa Celestino, a pedido de D. Sancho I, em 1211, conhecida por «Diocese da Egitânia», «em homenagem à histórica cidade da Egitânia». A cidade da Guarda, fundada ou, pelo menos, povoada por D. Sancho I, acaba de pedestalar no Largo Luís de Camões, junto à joia arquitectónica que é a Sé episcopal, a significativa e expressiva estátua do rei *Povoador*, fixando aí a ponta da espada na simbólica terra gardense, como que a dizer: *Esta terra é minha! Aqui já é Portugal!*

A estátua, com alguns metros de altura, vimo-la, a convite do seu escultor e nosso amigo, sr. António Duarte, no seu «atelier». Idanha-a-Velha sofreu tanto, tanto, com a inclemência das guerras, que viu as suas casas, muralhas e outras obras de defesa, destruídas por diversas vezes. Estas destruições obrigaram os egitanienses a fundarem outro povoado, que hoje é Idanha-a-Nova, sede de concelho e de comarca de extensíssimo território, onde se encontra a famosa Barragem Marechal Carmoná, que irriga os férteis campos da campina da Idanha.

Prof. José Manuel Landeiro

A BIBLIOTECA EM SUA CASA

(*Continuação da primeira página*)

Por José dos Santos Marques

objectivos é logo por si o eloquente:

«A Unesco propõe-se — diz o artigo 1.º da sua Acta constituitiva — contribuir para a manutenção da Paz e da segurança, reforçando pela educação, a ciência e a cultura, a colaboração entre nações, a fim de assegurar o respeito universal pela justiça, pela lei, pelos direitos do homem e pelas liberdades fundamentais para todos, sem distinção de raça, de sexo, de língua ou de religião, que a Carta das Nações Unidas reconhece a todos os povos».

Aí está um programa imenso de actividades humaníssimas, em cuja execução o homem verdadeiramente se reconhecerá como homem, dedicado à mais nobre tarefa, que é a de libertar a humanidade do seu primitivismo animal e das barreiras económicas que a dividem, emancipando o indivíduo da tutela do colectivo, que o oprime, e colocando finalmente ao seu serviço todas as imensas possibilidades que o desenvolvimento da técnica moderna lhe proporcionou.

Tarefa imensa — dizia. Mas nem por isso tarefa impossível. Sonho que muitos idealistas acalentaram, mas nem por isso sonho irrealizável.

E tanto assim que a Unesco se ergueu entre as nações, e desde 1945, no meio de tão obstinadas ameaças à Paz, a Unesco tem-se mantido na tormenta e pode já apresentar uma folha de serviços.

Vejamos os diferentes aspectos em que se organiza a sua actividade, através do próprio Programa de Base publicado pela Organização.

A UNESCO é uma das instituições especializadas das Nações Unidas. Foi criada em 1945. Todos os estados membros subscreveram os princípios do seu Acto constituitivo. Declararam pois, que a Unesco, tem por fim atingir gradualmente, pela cooperação das nações no mundo dos domínios da educação, da ciência e da cultura, os princípios de paz Internacional e de prosperidade comum, reconheceram que a dignidade do homem exige a difusão da cultura e educação de todos, tendo em vista a justiça, a liberdade e a paz e que existem para todas as nações deveres sagrados. Afirmaram enfim, que, para que a paz seja duradoira, deve ser estabelecida sobre o fundamento da solidariedade intelectual e moral da humanidade.

O Acto constituitivo da Unesco obriga a Organização a três grandes tarefas. A primeira, atinge directamente a manutenção da paz; consiste em favorecer o conhecimento e manutenção mútuos das nações prestando o seu concurso aos órgãos de informação das massas.

Para isso a Organização está encarregada especialmente de recomendar certos acordos internacionais que ela julga de utilidade para facilitar a livre circulação de ideias, pela palavra e pela imagem. A segunda tarefa consiste em «dar um vigoroso impulso à educação popular e à difusão da cultura», e por três meios.

1.º — «Colaborando com os Estados membros que o desejarem para os ajudar a desenvolver a sua acção educadora.»

2.º — Intituindo a colaboração das nações com o fim de realizar gradualmente o ideal de uma igual educação para todos, sem distinção de raça, sexo ou de outra qualquer condição económica ou social.

3.º — Sugerindo métodos de educação que preparem as crianças do mundo inteiro para as responsabilidades do homem livre.

A terceira tarefa consiste em «ajudar à conservação, ao progresso, e à propagação do saber.» São ainda previstos três modos de acção distintos; a Unesco deve visar atingir este fim:

1.º — «Velando pela conservação e protecção do património universal de livros, de obras de arte e outros monumentos de interesse histórico ou científico e recomendando aos povos interessados convenções internacionais para este efeito.»

2.º — «Encorajando a cooperação entre as nações em todos os ramos da actividade intelectual, a troca internacional de representantes da educação, da ciência e da cultura, assim como os de publicações, de obras de arte, de material de laboratório e de toda a documentação útil».

3.º — Facilitando pelos métodos de cooperação internacional apropriados, o acesso de todos os povos àquilo que cada um publica.

Em face da amplitude destas tarefas, convém, por razões de ordem prática, determinar as actividades que deverão ser tomadas em tal ou tal movimento. Para este efeito está encarregada a Conferência Geral, composta de delegados de todos os Estados membros, segundo o Acto constituitivo, de «determinar a orientação e a conduta geral da Organização».

Para se assegurar destas funções, a Conferência viu-se na necessidade de estabelecer uma separação entre o programa de base da Unesco e o seu programa anual.

É evidente que o programa anual varia dum ano a outro, segundo a urgência dos diversos problemas, o estado de progresso dos projectos e as disponibilidades de que dispõe a Unesco. Pelo contrário, o programa de base fixa a orientação e a conduta geral da Organizão para muitos anos.

A Organização executa o seu programa em estreita cooperação com as Nações Unidas e as instituições especializadas, públicas e privadas, cujas actividades servem os fins da Unesco. Todos os Estados membros se encarregam de «desenvolver e multiplicar as relações entre os seus povos, com o fim de se compreenderem melhor e de adquirir um conhecimento mais correcto e mais verdadeiro de seus respectivos costumes», convida-se cada um deles a tomar medidas com o fim de associar à obra da Unesco os principais organismos que se ocupam no seu território da educação, da ciência e da cultura. Esta colaboração deve efectuar-se de preferência por meio de comissões nacionais, no seio das quais os organismos são representados.

Por isso, o programa de base da Unesco tem por fim não só fornecer as directrizes ao Secretariado, mas ajudar os Estados membros a servir os fins da Organização e a dirigir os seus esforços nesta via. Por outro lado, preocupa-se em assegurar aos Estados membros da presente Organização a independência, a integridade e a diversidade fecunda de suas culturas e de seus sistemas de educação, mas abstém-se de intervir em qualquer assunto essencialmente necessário à sua jurisdição interior.

O programa de base baseia-se, pois, essencialmente, sobre actividades de ordem educativa, científica e cultural que a Conferência Geral julgue apropriadas para fazer objecto de uma colaboração internacional.

Em assuntos de educação, de ciência e de cultura, assim como noutros domínios da actividade humana, o número de questões consideradas hoje como sendo de interesse internacional — e não puramente nacional — é muito elevado. A Declaração Universal dos direitos do homem, adoptada pelas Nações Unidas em Dezembro de 1948, veio fortificar a definição dada pela Unesco aos seus objectivos, proclamando que todos têm direito à educação e «a tomar parte livremente na vida cultural da comunidade, a gozar as artes e a participar no progresso científico e nos benefícios que daí resultem».

A Unesco tem como tarefas principais:

1.º — Eliminar o analfabetismo e encorajar a educação de base;

2.º — Obter para cada um, uma educação segundo as aptidões e necessidades da sociedade;

3.º — Promover pela educação o respeito dos direitos do homem em todas as nações;

4.º — Sobrepor-se aos obstáculos que entravam a livre circulação de pessoas, de ideias, de conhecimentos entre os diversos países do mundo;

5.º — Favorecer os progressos e as aplicações da ciência e fazer beneficiar disso todos os homens;

6.º — Estudar as causas de tensão que podem conduzir à guerra, e combatê-las pela educação;

7.º — Pôr a claro a interdependência das culturas;

8.º — Servir a causa da liberdade, da verdade e da paz, por meio da imprensa, rádio e cinema;

9.º — Desenvolver entre os povos uma melhor compreensão e convencê-los da necessidade de uma cooperação leal dentro das Nações Unidas e das instituições que criaram;

10.º — Ser um centro de permanente informação mútua, de troca e ajuda recíproca dentro de todos os domínios da sua acção.

O programa de base da Unesco compõe-se de um certo número de resoluções, agrupadas sob as sete seguintes rubricas:

A — *Educação*;
B — *Ciências exactas e naturais*;
C — *Ciências sociais*;
D — *Actividades culturais*;
E — *Troca de pessoas*;
F — *Informação das massas*;
G — *Serviço de ajuda mútua.*

Esta forma de apresentação foi adoptada mercê da necessidade prática de englobar certas actividades da mesma finalidade. Mas os diferentes capítulos deste programa correspondem aos diversos aspectos do mesmo esforço que vise atingir os fins fundamentais da Organização, como acabam de ser definidos.

In «O QUE É A UNESCO», páginas 9 a 23, por Victor de Sá. Edição do autor. Braga 1955.

Pela Imprensa

— Com seu número de 28 de Maio, completou dez anos de existência o «Correio da Beira», que se publica na Guarda e de que é editor Vergílio Afonso.

Cumprimentamos e desejamos longa vida ao distinto colega.

— O «Correio da Feira», que se publica na Vila da Feira, transcreveu no seu N.º 2991, de 2 do corrente, a Crónica Irrequieta denominada «A Pressa», do nosso Director.

Muito gratos pela gentileza e pela distinção.

— Entrou no 7.º ano de existência o «Jornal do Barreiro», que nessa vila se publica e de que é Director João Maria Anjos Pinto Leite.

Daqui o cumprimentamos e ao seu corpo redactorial, desejando-lhe um longo futuro de constantes prosperidades.

Este número de «A Província» foi visado pela CENSURA

Crónicas Irrequietas - 26

A Fobia dos Folhetins

(Continuação da 1.ª página)

nha» encarquilhada, de múmias espectrais que fedem, de ingenuidades que ressumam chinezices corriqueiras.

Lá volta o Conde de Monte Cristo, que fez as delícias dos nossos bisavós, lá voltam as traduções dos romances chochos doutrora, lá voltam os casos policiais de charadas levadas da breca (quem matou? quem não matou?), e tudo envolvido numa casca açucarada, delicodoce, que faz lembrar os confeitos da petizada dos antigos casamentos!

Nos lares domésticos vai, então, uma labuta esgotante que não tem descanso, nem feriado: «Ele sempre casa com ela», «ela ainda vem a casar com o primo», «a prima é que vem a casar com o Alfredo». E, de instante, a instante: toca a correr para os aparelhos porque está quase a chegar o momento feliz de se decifrar o enigma palpitante, de se saber, finalmente, se sempre casa ou não casa este com aquela, ou aquele com esta!

E os serviços domésticos não se efectuam, a loiça não se lava, as casas não se varrem, o «Tide» e o «Omo» não se preparam, esturra-se o guisado, queimam-se os feijões e a hortaliça, porque o pessoal servidor também anda interessado nos desenlaces, também toma parte nas decifrações, também discute, com as patroas e com as colegas do andar vizinho, o fenómeno do conspícuo e complicado enredo!

A «canasta» foi destronada. Os serões passam-se agora na troca de hipóteses folhetinescas, na disputa das preferências entusiásticas:

— Eu gosto mais do «Divórcio», eu não gosto da «Paixão triunfantíssima», eu prefiro «O Amor começa amanhã»...

E a propósito das cenas mais confrangedoras, correm lágrimas de glicerina, dão-se gemidos e suspiros que fazem taquicardias fatais!

Eu não sei, com franqueza, se daqui a pouco haverá necessidade de sanear este ambiente com creolina concentrada ou com pastilhas de sublimado, a fim de evitar a propagação deste novo bacilo!

E depois é tudo tão bem representado, tudo tão retocado em estilo Fregoli, que a gente chega a convencer-se de que voltou a Duse ou a Itália Vitaliani, o Novelli ou o Zaconni!

Se a televisão vier a ser um facto breve, já nem há precisão de ir ao teatro para ver os grandes talentos, para assistir à representação das peças de fundo. Basta ligar, às sete e meia, às nove, às dez, ao meio dia, às catorze, às dezasseis, às vinte e às vinte e três, para se ter quanto precisarmos nesse capítulo.

Parece à primeira vista que o romantismo regressou das catacumbas, com aquelas lamúrias que iam salvando o mundo dos nossos antepassados, com aquelas choradeiras que iam atirando para o histerismo convulsionante todas as mocidades do século anterior.

Mas é mentira O reinado do «pinga amor» já lá vai, já passou há muito. Esse sentimento diluiu-se há bastantes lustres no dinamismo absorvente das actualidades e das imperiosas exigências da vida moderna. Casanova, D. João, Romeu, Dama das Camélias, Julieta, Virgínia, não passam hoje de simples fantasmas, de pitorescas recordações.

Agora, o que comanda, o que interessa, é quanto representa em escudos aquele e aquela que surgem nos caminhos das uniões prometedoras. Tudo o mais é pintura, é embaçadela.

Desculpem; mas não posso continuar.

São horas do folhetim das quinze, — um folhetim de rebimba e de imponência máxima — e não me permitem já que eu escreva nesta máquina barulhenta, que não deixa ouvir a «obra notável, do notável escritor».

Caluda! Silêncio!

— «Já meia noite com vagar soou. Que paz tranquila nos vaivens da sorte!»

Fica o resto para outra crónica...

ÁLVARO VALENTE

Chávenas de café quase amargo

Pelo Dr. Cruz Malpique

Goethe e a sua cadeira velha

Devemos tomar a sério Goethe, quando diz que, para pensar, atirava às ortigas as comodidades de cadeira nova, só o podendo fazer sentado em velha cadeira? «Um ambiente de móveis cómodos e de bom gosto tira-me a possibilidade de pensar e desperta-me um estado de beatitude passiva» — afirma ele ao seu interlocutor Echermann.

Salvo o devido respeito, não nos parece que, para pensar, seja necessário um ambiente ascético. O que é essencial é ter idéias. Existam elas, e a cadeira fofa, a larga mesa, os belos quadros, as estantes de livros, longe de entrarem no pensamento antes o cataclisam num sentido positivo.

Pedagogia da força

A pedagogia da força tem uma fé ilimitada na correcção de fora para dentro. E daí o uso e abuso da Santa Luzia dos cinco olhos.

Mas, muito superficial é essa correcção. Superficial e efêmera. Correcção só uma conta: a de dentro para fora, a centrífuga, e não a centrípeta.

Faça-se, pois, tudo no sentido de levar o educando a querer corrigir-se por si. Suscitar essa atitude de auto-construção — eis a pedagogia louvável. O que não for isso, é pedagogia da idade da pedra lascada.

Ciências particulares e filosofia

As ciências particulares, desarticuladas de espírito filosófico, circunscrevem, um tanto, as perspectivas dos que as investigam e estudam. Mesmo cultivando uma especialidade, importa não perder as perspectivas de conjunto.

Como bem disse Victor Durny, «il faut être universel, au profit de la spécialité». Nada melhor do que a cultura especializada, com a condição, porém, de ela não dar ao homem os horizontes circunscritos que se podem abranger quando nos debruçamos sobre a cabeça dum alfinete.

Ciências, letras, e filosofia

Só letras, não está bem. Mas, só ciências, bem não está igualmente. Letras e ciências hão-de completar-se. O homem não é só memória e inteligência, é também afectividade e imaginação. Cultivando apenas as ciências, o homem quase esquece a afectividade e a imaginação, o *esprit de finesse*. Cultivando apenas as letras, esquece a memória e a inteligência, o raciocínio puro, o *esprit de geométrie*, como quem diz o gosto do rigor. A educação há-de ser integral, procurando dar a César e a Deus as respectivas partes, procurando desenvolver todas as nossas virtualidades, dentro de um justo equilíbrio.

Todo o ensino, científico ou literário, deve procurar servir a integral cultura do homem. Todo ele se deve converter em «humanidades». E a grande transmutadora do saber em «humanidades» é a filosofia.

É esta que unifica o disperso, que sistematiza o desordenado, que clarifica o caos, transformando em cosmos (= ordem, beleza, segundo o sentido helênico da palavra), que dá sentido à vida e superiores ideais ao homem. A filosofia tem que ser o alfa e o ómega de toda a educação. Só a filosofia nos livra do charlatanismo moral. Não valem as letras sem a filosofia. Tampouco as ciências. Umas e outras precisam do trampolim da filosofia para darem os seus saltos em profundidade e em humanidade.

Lição dos dias rurais

Depois duma semana de intenso labor, fartos das glórias fúteis e dos momentos comuns, apetece passear até as matas e ficar-se um cidadão sentado debaixo dum plátano ou de um choupo, ciosamente guardado de barulhos e conversas, ou, estendendo uma alva toalha na terra fresca, merendar à sombra dum muro antigo em companhia da família.

O campo é um refúgio e um exemplo. Refúgio, no que se

Por Antunes da Silva

afirma em silêncios puros, em fraterna e indizível hospitalidade, onde os homens têm ocasião para se extasiar perante os belos motivos da Natureza e rectificar vagos pensamentos. Exemplo no que nos ensina, mesmo, sobre o aspecto moral, porquanto a harmonia das cores, toda a paz simples dos silvedos, toda a vegetação parda dum montado, nos sugerem momentos de bondade e filantropia, ao ponto de ficarmos, humanamente absortos, — a sonhar os dias vividos.

Repimpados na altura dum cerro naquele Alentejo enorme e mirrado pelos últimos calores, abarcamos o vasto prado, todo cheio de tojais, cardos e simples florzinhas azúis, pasmadas e sem perfume, na viuvez sentimental das ladeirinhas e valados. Ao largo, assim como um ovo em saco de palha, a cidade de Evora, fresca e ladina, parece repousar, sabe-se lá em que cuidados. O perfil da sua catedral, com a crista ponteaguda luzindo no céu muito fresco e azul, afeiçoa a paisagem longínqua de uma quase irrealidade, que nos subjuga e conquista.

Agora aqui, e já sentados entre duas oliveiras, arrancamos do chão as sequiosas raizes do trigo que as palhas hirtas ainda guardam por todo o caminho cansado das colheitas, e reparamos que a terra que se esboroa entre as fibras senis das mesmas raizes mortas, é um pó macio, dorido, como se, afinal, aquele bocado de Natureza fosse um ser vivente que sentisse e morresse como nós.

É extraordinário como, no mundo das plantas, quando olhamos um pé de milho ou uma rasteira seara de melões e observamos os arrebiques, os contornos, os desenhos hieroglíficos das folhas, os veios frágeis — pensamos que os nossos nervos são semelhantes aos daqueles corpos rústicos, nascidos e criados na paz dos ventos, das aguas e do sol. Vale a pena chegar ao rés duma nora e, com uma concha de cortiça, aparar a água fresca que cai dos alcatruzes e beber, os olhos arregalados, o corpo lasso, uma alegria funda e vaga turbando-nos a alma. É um encanto esquecermo-nos das nossas tarefas e preocupações e ficarmos aprendendo com as aves a harmonia de uma vida vitoriosa. Quantas vezes, então, não nos sentimos poetas? Quantas vezes não nos julgamos vivendo uma existência amena e feliz?

Os campos como estes agora, tão pacíficos e lúcidos, estão emeldurados duma cor de amêndoa, trágica, quase absurda. Isto para quem olhe os horizontes ao sul, onde as árvores não abundam e não se vislumbra tufo de verdura. Mas quem vá andando, metro a metro, e sorva o ar morno da planície, sente que do chão amargo se evola uma saudade qualquer, um perfume acre de palhas e que na Primavera tudo aquilo é limpo e remodelado, para o festival das searas anãs, geradoras de fartura. Sim, os homens devem sentir-se irmãos, todos amigos, cheios de remorsos por coisas já acontecidas, quando tenham os seus instantes de meditação, ante o lindo espectáculo agrário. Porque, seja a paisagem rude ou abonitada, o campo é sempre uma amostra de eternidade, miscelânea de sentimentos que nos povoa os sentidos. No cortiço dum quintaneiro, as abelhinhas entram e saem, esvoaçando por entre um pequeno pomar e indo-se aos cardos sugar nas florzinhas amarelas, requentadas de sol. As abelhas não picam o viandante, voejam e poisam e tornam a voejar suavamente, até se perderem da nossa vista como um minúsculo grão de areia, na imensa poalha dos horizontes.

Levemente fatigados das andanças, descansamos junto duma lapa, entre um naco de terreno neolítico e ficamos conjecturando de que maneira viveriam os nossos antepassados das cavernas, de tanga e fusil, barbudos e agressivos, no meio dos carrascais. As rochas estão sujas do tempo, enrugadas de lenhos, e lembram pedaços valiosos de antigas construções, mutiladas nas guerras bárbaras. Aí está que o campo também nos dá lições de História, na mudez pasmada das suas pedras milenárias.

As fontes raramente se encontram nestes terrenos rasos do Sul. Mas quem se vire a nordeste, depara-se-lhe um talhão de arvoredos, apinhais e sobreiros, oliveiras e um ou outro eucalipto agingantado na plaga morena, como se vigiasse no desplante da sua altura, entre a terra e o céu, — os castigos da Natureza. Passa um imenso rebanho de ovelhas lá em baixo, no carril poeirento. Os guizos perturbam a paz desta tarde rural e o pastor parece a sombra dum verso latino, todo empolgado na sua vestimenta de pelico e samarra, com chapéu braguês e lenço tabaqueiro baloiçando ao vento.

A tarde é um poema de oiro, a declinar, cheia da epidemia das cores. Dá vontade de compor versos e música. Versos e canções!

Os campos estão cheios de festa. São o remédio para as consciências perturbadas e não tem limite a força inspiradora dos seus recantos, das suas graças, dos seus súbitos paroxismos de luz e sombras, ao ponto de nos sentirmos como protagonistas de um final de acto, maravilhoso e paradisíaco em que o Mundo, embrulhado de lágrimas, festejasse a alegria doida de uma nova vida, cheia de paz e felicidade.

Exposição de Xilogravura

No passado dia 8 do corrente, pelas 21 horas e 30 minutos, inaugurou-se, na sala do Ginásio Sede do Futebol Clube Barreirense, a Exposição de Xilogravura do artista português Manuel dos Santos Cabanas.

Há muito nos habituámos a admirar o talento do conceituado artista, pelo que consideramos essa Exposição como mais uma notável demonstração do seu valor.

Temos a certeza do seu sucesso, pelo menos entre os que sabem apreciar a Arte e sentir estas suas manifestações geniais.

Cumprimentamos com o maior afecto o distinto xilógrafo, afirmando-lhe a nossa profunda simpatia pela obra realizada e que nos enche de orgulho por partir dum compatriota de tão elevado merecimento.

A Manuel dos Santos Cabanas a expressão do nosso incondicional apreço, traduzido nestas simples, mas sinceras, palavras de muita consideração e reverência.

O maior êxito à sua Exposição e os nossos agradecimentos pelo convite que nos foi dirigido.

DESPORTOS

Campeões do Mundo

Terminou em glória para Portugal o XII Campeonato Mundial de Hóquei em Patins, pois conseguimos reaver o ambicionado ceptro de Campeões do Mundo.

Habituados como estamos a encimar as tabelas da pontuação das provas desta modalidade, já não nos surpreende o magnífico resultado que obtivemos.

Isto, porém, não quer dizer que não seja credora da nossa admiração, a vitória alcançada pela valiosa equipa de Portugal.

Sentimo-nos orgulhosos pelo cometimento praticado, produto da supremacia que mantemos, numa modalidade de técnica difícil.

No «palmarés» desportivo deste ano de 1956, que tem sido feliz para as nossas cores, este triunfo assenta maravilhosamente, dando ao nosso País invejável posição no Desporto Mundial.

Manuel Lino

Os Heróis Anónimos

(*Continuação da página 7*)

menagem, (como lhe queiram chamar, menos «benefício»), com os proventos correlativos. O Voluntário, quando se afasta do serviço por motivo de idade ou de doença, quando não de invalidez, retira-se com a mesma fortuna com que entrou. Ele sai silencioso, ignorado, com algumas medalhas ao peito mas sem proveito de tais honrarias.

Diz-se que todo o trabalho é pago. Rectificamos (como dizem os locutores da rádio): todo o trabalho devia ser pago. Paga-se ao sapateiro que deita duas tombas; paga-se ao lavrante que faz broche e filigrana; paga-se o esforço da Vénus mercenária; paga-se ainda o «patau» quando a sorte é «maniversa». Só não é remunerado o labor intelectual e o trabalho dos Voluntários. Portanto, das duas, uma: ou o altruismo do Bombeiro não tem valor nenhum, ou uma vida não vale nada. (Forisso se diz, com certa razão ou ironia, que uma vida não tem preço.)

Quem pode ser prior numa freguesia destas?!

(1) — Do apelo feito pelo Corpo de Salvação Pública (Bombeiros) do Concelho da Moita, em Maio de 1954.

(2) — Esta legenda, adoptada até por algumas corporações estrangeiras, é da autoria do comandante Álvaro Valente.

Carlos Mascarenhas

Ainda o Belenenses - Montijo

O jornal desportivo «A Bola» presta justiça à nossa terra, defendendo a verdade

Através da brilhante pena do Sr. Dr. Paulino Gomes J.or, o importante tri-semanário de assuntos desportivos «A BOLA», publicou um artigo em que se fazia justiça à maneira de ser das gentes da nossa terra e refutava insólitas afirmações «aèreamente» feitas por «fanáticos» ou mal intencionados.

Por nos parecer de todo o interesse para um melhor esclarecimento do assunto e não ficarem dúvidas que a mentira imperou nas notícias divulgadas por certa imprensa desportiva, pedimos licença para transcrever o artigo acima referido, credor da maior confiança, pois foi publicado num jornal sério e honesto:

«Não há dúvida alguma de que as paixões exacerbadas são geradoras de precipitações, de desvairos e de... más intenções.

Não tencionávamos falar neste assunto se ele não se tivesse avolumado de uma forma tal que muita gente já supõe o contrário do que, de facto, é. Falamos pelo conhecimento directo que temos de um bom e laborioso povo, de uma terra sã e hospitaleira, de uma terra onde costuma até dizer-se que os filhos são tratados como enteados e os estranhos amimados como filhos queridos. Essa terra, essa vila honesta e trabalhadora, das mais importantes de Portugal, é Montijo.

Pois a ida do Clube de Futebol «Os Belenenses» a Montijo, disputar um encontro da Taça com o clube local — o Desportivo — tem, ao que parece, feito correr muita tinta e obrigado a dizer muita... asneira. Que o jogo tenha sido duro, viril, aqui e ali violento, não queremos dizer que não. Mas se o foi, ambas as partes tomaram parte nele e não cremos que os lisboetas — estes ou outros — sejam santos a praticar futebol...

Agora que por o Desportivo ter feito a vida cara ao Belenenses — foi preciso recorrer a prolongamento — se queira atingir uma gente que é digna, honesta e fidalga — mas absolutamente fidalga, por vezes até exageradamente — na sua maneira de receber, isso não consentiremos, porque é falsear a verdade.

Montijo não é uma terra de selvagens, como agora parece querer fazer-se acreditar. Pelo contrário, o feitio dos seus habitantes — franco, aberto, leal — faz até com que muitos selvagens sejam lá recebidos como perfeitíssimos cavalheiros...

Escrevemos com conhecimento de causa. Sabemos como é a gente de Montijo, que, longe de fugir à regra no aspecto «futebolístico» não é, todavia, uma excepção — a roçar pela selvajaria — como certos «anjinhos» da Capital pretendem, para justificarem um encontro difícil de vencer.

Amigo bem chegado contou-nos até que lhe haviam dito que as senhoras faziam gestos mais que obscenos à passagem dos adeptos do clube visitante... Até isto se inventou, vejam bem. Como se pudesse ser verdade que tal acontecesse numa terra onde o culto pela honestidade chega, por vezes, a tornar-se do século passado.

Só a má-língua, o gosto de difamar, a gula do «dizer mal» pode admitir, ou justificar, tanta infâmia.

Não, senhores, o povo de Montijo está acima de todas estas mentirolas. Sabe-o quem teve a dita de lá viver, sabê-lo-á quem visitar a vila ribeirinha que é casa de gente honesta e trabalhadora, de gente excepcionalmente hospitaleira.

Estamos descansados. Ninguém nos pediu que escrevêssemos estas palavras — e tanto melhor. Foi a voz do coração quem no-las ditou. Foi o gosto pela verdade que nos incitou a fazê-lo.

Quem quiser saber como são os «selvagens» de Montijo, vá lá, calma e sossegadamente, porque... nunca mais deixará de lá ir — se por lá não ficar, como tem acontecido a muitos...»

Posto isto, pedimos às pessoas de bom senso que rectifiquem a sua má impressão acerca de Montijo, caso tenham sido ludibriados e não se arreceiem de nos visitar, porque serão sempre bem recebidos.

Ao Sr. Dr. Manuel Paulino Gomes J.or, os nossos melhores cumprimentos e muito gratos ficamos pela cooperação na defesa desta justa causa.

Manuel Lino

Columbofilia

Burgos (Espanha) — Montijo - 603 Km.

Taça «José da Silva Leite» — Vencedor:

Justiniano António de Oliveira

São de facto, quanto a mim, as provas de longa quilometragem as que mais interesse desportivo encerram, pela selecção que originam, pela emoção que despertam, dentro e fora fronteiras, porque são elas quem verdadeiramente valoriza o admirável pombo correio, atribuindo-lhe a reputação merecida.

No ano findo, também a S. C. de Montijo englobou no seu calendário a solta de Burgos. As aves foram soltas no sábado, chegando a primeira no mesmo dia cerca das 15 horas, com excelentes condições atmosféricas, fornecendo nesta tirada excelente cartaz de propaganda da modalidade. Este ano também a solta foi realizada ao sábado, chegando a primeira ave na manhã de domingo cerca das 9 horas, segunda às 10,30 e a terceira às 13 horas, dois dias após a 4.ª e perdendo quase a totalidade, produzido profundo golpe nos pombos, enchendo de luto todos os amadores, das regiões do centro e sul do país, em virtude das péssimas condições atmosféricas, ultrapassando em perdas as trágicas soltas de Madrid de 1951 — e Barcelona de 1954 —. Todas estas contrariedades longe de nos desanimar faz nos criar um ânimo mais forte, pela prática da modalidade! Tínhamos muito interesse em ouvir o vencedor de tão difícil tirada Justiniano António de Oliveira que pratica a modalidade há três anos. Começou por nos dizer:

— Sinto uma grande alegria por ter vencido esta prova tão dura — a mais difícil de todas da nossa Sociedade.

— Praticas a modalidade ao natural?

— Sim. A viuvez requer muita experiência.

— Sei que costumas drogar as tuas aves, achas vantajoso?

— Quando vejo necessidade, não tenho relutância em as drogar. A ave que venceu foi drogada.

— Qual a alimentação que dás?

— Lote vulgar.

— Quais os adversários que mais admiras?

— Francisco Jesus da Silva.

Tive grande alegria em ter vencido, nesta tirada, os consagrados fundistas Víctor Viegas e Benjamim Silva.

— Sentes desejo de dizer mais algumas palavras?

— Um dos pontos que quero abordar nesta entrevista, é a falta de interesse dos nossos dirigentes. Sou assíduo frequentador da nossa sede, e só quem vejo trabalhar são os verdadeiros amigos da modalidade, exceptuando o presidente que é o único que mais se interessa pela sociedade.

— De facto em parte tens razão, mas o mandato está a terminar e como as eleições se realizam em Setembro, temos tempo para irmos escolhendo os que mais experiência e vontade têm, para que possamos eleger um elenco directivo que satisfaça as nossas aspirações, e nada de direcções impostas, que só nos têm prejudicado.

Evidentemente, que assim é que deve ser, porque possuímos amadores dedicados e cheios de vontade, que podem guindar a nossa sociedade ao lugar a que tem jus na columbofilia nacional.

Eduardo dos Santos Baeta

Um apontamento...

No passado domingo, 3 de Junho de 1956, fixemos, conquistámos saboroso triunfo sobre a Espanha, na modalidade desportiva mais espectacular que se pratica na Europa e que podemos considerar como uma das loucuras do século — o Futebol —. Vitória merecida e justa em nosso entender, que não desejamos ser sábios da bola, pouco conhecemos do mundo desportivo e não pretendemos possuir «record» de dados técnicos, mas temos a noção dos valores apresentados para a constituição da equipa nacional, os quais, sem dúvida, são a elite dos praticantes do nosso país, no momento que passa.

Que os louros colhidos sirvam de incentivo para um melhor trabalho na modalidade de modo a alcançarmos maior projecção no panorama do Futebol Mundial.

Está de parabéns a Selecção Nacional, a quem «A Província» saúda, bem como o seu orientador, Sr. Dr. Tavares da Silva.

Manuel Lino

Futebol em Pegões

No passado Domingo, dia 3, realizou-se no Campo de Jogos João de Brito Caiado, em Pegões-Gare, um desafio de Futebol entre o Grupo Desportivo de Pegões e o Grupo Desportivo da Casa do Povo de Canha.

Os Grupos alinharam:

G. D. Pegões: — Correia; Victor e Joaquim; Bento, Aurélio e Floriano; Barnabé, Pinheiro, Valente, Ilídio e Eustáquio.

G. D. C. P. Canha: — Jacinto; Henrique e Angelo; Diogo, Cardeira e Capela; Tavares, Júlio, Carlos, Coelho e Saltão.

Árbito: Mário Roberto — Canha.

Diante de numerosa assistência, o jogo decorreu agradável sobre o aspecto técnico e quanto ao comportamento de todos os elementos das equipas: jogo correcto e leal.

Pegões, tendo evidenciado melhor conjunto, chegou a final vencendo por 6 bolas a 2.

Os golos foram de: Pegões; Ilídio, 3; Pinheiro, Barnabé e Aurélio; Canha; Carlos e Saltão.

Record Sensacional!
1 Milhão em circulação!
Atestando a preferência que todo o mundo dá à
VESPA
O PRIMEIRO SCOOTER DO MUNDO
Agentes Exclusivos:
MARPAL, L.DA
MONTITO

MOEDAS ANTIGAS
Em cobre, prata ou ouro, compra particular. — E. P.
Rua Almir. Cândido dos Reis, 18
MONTIJO

TELHA PORTUGUESA
Vende-se quantidade em boas condições
R. Tenente Valadim, 17
Telef. 026023

GUIDA
ALFAIATA
Fatos feitos, desde 180$00, e casacos, de bons tecidos, a 280$00
Também se fazem fatos, com bons forros, a 180$00, 200$00, e 230$00 — Responsabiliza-se por todos os seus trabalhos.
Pelos cartões de habilitação, a 2$50 semanais, foi premiada em 25 do mês findo, a sr.ª Adelaide Quaresma, Pátio do Belo, à Rua Joaquim de Almeida, que tendo só pago 2$50, foi premiada pelo cartão n.º 35, no valor de 100$00 em mercadorias, e recebeu um vigésimo da lotaria, o qual teve 25$00.
Prémios todas as semanas.
Quem não se habilitou, ainda está a tempo!
R. da Misericórdia, 23 - MONTIJO

Que não falte na sua mesa o café de
«A JAVANEZA»
Rua do Arsenal, 102
Telef. 22722
Enviam-se encomendas para a província

(Continuação da 1.ª página)

não é mister, então, para se desenvolver uma associação que sòmente vive dos seus minguados recursos?! Que amor à Causa não é preciso nutrir para suprir as deficiências de material, para produzir trabalho em instalações exíguas, para dilatar a sua acção benemerente em seus variados sectores?! Só a devoção de dirigentes e dirigidos pode operar prodígios que passam despercebidos, ou não podem ser compreendidos por quem labora rodeado das necessárias comodidades!

Verdade seja — e não fazemos favor em o dizer — que as instâncias oficiais concorrem de tempos a tempos com avultadas verbas para a maioria destas organizações filantrópicas. Mas esse auxílio, grande ou pequeno no rateio, depressa se esvai na voragem das muitas necessidades que as assoberbam.

As corporações de Voluntários — dissemos nós — vêem-se e desejam-se para dilatar as suas instalações ou construir edifício próprio. Contudo, os grandes clubes desportivos erguem estádios de um ano para o outro. Na imprensa, em cartazes, em circulares aos milhares de associados, promovem-se sorteios e campanhas de cimento ou de tijolos — iniciativas sempre coroadas de êxito. Em duas palavras: para o desporto, ajuda por cornucópia; para os Bombeiros, a indiferença pública ou auxílio de conta-gotas.

É uma vida de luta a dos Voluntários! Luta contra a falta de verba, de condições de existência; luta com o fogo, com as águas, com os tantos acidentes provocados pelos elementos; e luta com a tempo cronométrico para que não sucumbam no trajecto o sinistrado que ao hospital transportam nas suas ambulâncias. E, como

Os Heróis Anónimos

POR

Carlos Mascarenhas

se isto fosse pouco, muitos e muitos Bombeiros ainda oferecem o seu sangue para dar vida a quem de sangue carece.

Os Voluntários de Montijo inscreveram-se em massa, como dadores de sangue, no Hospital Sub-Regional, que há pouco inaugurou o serviço de operações.

Que lição de humanismo, de solidariedade, de amor ao semelhante, dada aos comodistas, aos egoístas que nenhum préstimo têm! Como este gesto, deslumbrante como o Sol, deveria envergonhar os que sòmente cuidam da sua existência inútil!

Na margem do Jamor — esse Jamor que o Estádio deu a conhecer... — junto à povoação de Agualva, está afixada uma memória do teor seguinte:

«Aqui desapareceu Mário Lobo!».

Pois foi assim. Um obscuro Bombeiro, como tantos outros, um herói anónimo, como quase todos, que pagou com a vida a sua abnegação.

É bem certo: as corporações de Bombeiros, como os homens, não se medem aos palmos. O modesto núcleo de Agualva também contribui para o sublime martirológio dos Soldados da Paz.

E são estas associações humanitárias que vêem os seus cofres (se cofres têm...) exaustos de dinheiro, enquanto os grandes clubes da bola o vêem entrar «às pazadas» pela porta dentro — dinheiro que dá à vontade para assalariar jogadores, para recompensá-los a tanto por golo e para comprar trânsfugas pelo processo das *transferências*. (Aqui há uns trinta, quarenta anos, quando ainda havia um pouco de decoro, chamava-se à deserção *virar a casaca*. Hoje justifica-se esse procedimento com aquele aliciante enferismo).

Em boa verdade, não atinamos com a «pretensa ou maior utilidade do chamado desporto-rei sobre o desporto da *Vida por Vida*[2].

Para o bém dos benefícios de ordem física que resultam da sua prática, nada de maior alcance descortinamos que justifique a hegemonia que alcançou. Do seu império não resulta uma maior forma do seu bem-estar para as populações ou para os povos. Pelo contrário, como rei que é, o futebol nada produz. Da disputa dum campeonato não surge carvão, ferro, petróleo; da competição dum torneio não mana trigo, açúcar ou óleo de mendobi; da conquisfa duma taça não brota o vinho em caudais. Quando muito, o futebol apenas contribuiu para um ilusório estreitamento de relações entre os países unânimes!

Em nosso ver, o futebol só seria verdadeiramente útil, frutuoso, se ele resolvesse os atritos entre as bélicas potências que concordam com o desarmamento... na casa dos outros. Em vez da corrida aos armamentos, correriam os beligerantes aos estádios; em lugar de campos de batalha, rectangulares campos relvados; em vez de batalhões municiados, com capacete de aço e botas cardadas, formações equipadas com camisola, calção e botas da Casa Peyroteo; em lugar da metralha, a bola redonda (sim, saibam quantos, a bola é redonda...); em vez da hecatombe, uma cabazada. De resto, parece a coisa encaminhar-se para esta solução, porquanto a grande imprensa, nas suas primeiras páginas, já noticia em largos títulos: «A Itália derrotou a Bélgica» — «A Suiça bateu a França» — «A Hungria venceu a Espanha» — e Portugal perde com todos.

Para o seu clube, em prosperidade crescente, vai o pensamento constante do bom asseciado, que nunca lhe nega o apoio e o engorda com pesadas quotas, ao passo que parece desconhecer a existência das corporações de Bombeiros e a exaustão de recursos em que se debatem. Mas se o infortúnio lhe toca à porta, ná variante dum incêndio, duma inundação, dum desabamento, perigando-lhe a casa, os haveres ou a vida, não será (em Lisboa, por exemplo) ao B. S. B. dos torneios futebolísticos que ele rogará socorro; será ao B. S. B. do senhor Salvação Barreto que ele lançará o S. O. S., capuado também pelas corporações de Voluntários, de quem só então se lembra o camaradinha em transe. E, à chegada dos socorros prestos, ele poderá exclamar, parafraseando o entusiasmo que expande nos estádios que frequemta: «Aí vêm os pupilos de Ribeiro Viana!»; — «Chegou a equipa dos Voluntários da Ajuda!»; — «Eis a turma dos Lisbonenses!»; — «Cá está o grupo de Campo de Ourique!»!

A' semelhança do que se usa para com os proletários — que proletários são ainda muitíssimos Voluntários —, o silêncio, o anominato é moeda corrente com que se recompensa o árduo trabalho destoutros heróis da Paz.

Nos habituais relatos de futebol, pela rádio, são seguidos a par e passo os movimentos dos jogadores, cujos nomes são citados a cada momento. E não raro ficamos sabendo que «fulano tal lesionou-se» e «sicrano está estendido no terreno» no ardor da peleja... pela baixa do custo da vida...

No desporto estóico dos Bombeiros, apenas os jornais dão notícia resumida, apontando sòmente a identidade de quem dirige o ataque, se o sinistro é de monta. Dos subalternos só é divulgado o nome dos que vão parar ao hospital ou ao necrotério.

E são estes Voluntários — que não têm salário, que trabalham nas oficinas para comer o pão que o diabo amassou, e que, de noite, interrompem o descanso do corpo massacrado pelas lides profissionais ou pela instrução e exercícios concernentes ao devocionismo que os dignifica — são estes Voluntários (íamos dizendo) que ainda descem a terriro, nas festas, nos arraiais, nas romarias, para pedirem, para mendigarem a esmola que dê mais seiva à agremiação, que obste à decadência da Instituição de manifesta utilidade pública.

E, no fim de contas, quanto recebe o Bombeiro pela sua abnegação?

Um jogador de futebol, ao abandonar a actividade no momento próprio, tem a sua festa de despedida, de ho-

(Continua na página 6)

Aldeia do Avesso

Por Alvaro Valente

As moças já os esperavam. Durante a semana era a conversa geral pelos campos e contavam-se os dias pelos dedos...

Depois, vieram os namoros.

Na aldeia, os rapazes «casadoiros» eram poucos e esses mesmos já estavam «comprometidos»; de sorte que, como naturalmente se esperava, dos bailaricos resultaram derricadas e conchegos.

Os «não comprometidos» andavam fulos. Elas pouca ou nenhuma importância lhes davam, e as atenções destinavam-se agora todas àqueles estranhos que não conheciam nem, sequer, por tradição.

E os ciumes começaram também a sua obra. Havia sempre questiúnculas, remoques provocadores, desafios, e de vez em quando seu pugilato.

Mais para diante, uns e outros iam armados.

Os da aldeia tinham fama de bons jogadores de pau; os outros usavam navalha e pouco se ensaiavam para dela se servirem...

E quando a madrugada se aproximava, na volta das funções, havia «esperas» e ajuste de contas nas azinhagas que iam de cima até o vale.

Dos dois lados, feridos, estropiados, moídos à cacetada; e a irritação subindo lentamente...

O *ti* Santana continuava nos considerandos:

— Olhem como sobe a maré... Olhem como sobe a maré... As serpentes já mordem. Dentro em pouco está tudo envenenado!

E os rapazes apedrejavam-no por vezes, e o mulherio ria-se-lhe na cara, alvarmente...

* * *

O engenheiro vinha quase todos os dias à obra. Chegava de automóvel e demorava-se por cinco ou seis horas. Durante esse tempo vestia o «fato macaco» e dirigia os serviços.

Calmo e ponderado, nunca desatremava com os operários, antes os tratava com urbanidade. Educado na Inglaterra, conhecia a vida prática das modernas concepções, não tolerava prepotências e impunha o maior respeito pelos direitos alheios.

Era pessoa culta, de espírito desempoeirado, não permitindo injustiças, e tinha para os que trabalhavam atenções e cuidados fora do vulgar.

O sr. Morais não simpatizava com ele.

Pela frente desfazia-se em contumélias; mas na ausência dava-lhe «bicadas» ligeiras e chamava-lhe o «engenhocas».

Por duas vezes, porém, conhecera o temperamento e a educação profissional do seu superior.

Da primeira, por qualquer ninharia, o sr. Morais destampara com um trabalhador e aplicara-lhe a catilinária do costume, aos berros, defronte de toda a gente.

O engenheiro, que passava por acaso, parou, observou, e, por fim, perante o mesmo auditório, disse-lhe:

— Olhe, sr. Morais: Eu não consinto em obras que dirijo que o «encarregado», ou seja quem for, trate dessa maneira os que trabalham sob as minhas ordens.

— Mas, sr. engenheiro...

— Dispenso considerações. As repreensões dão-se em termos correctos e só quando haja razão. Além disso, é muito mais decente chamar o que prevarica ao escritório e aí dizer-lhe o que for conveniente.

— Nesse caso, não faço outra coisa todo o dia se não caminhar para o escritório, sr. engenheiro...

— Faça que não faça. Isso não me interessa. O que não desejo, é que este facto se repita. É preciso não esquecer que os trabalhadores são homens como nós e têm também a sua sensibilidade e o seu amor próprio. De futuro, espero que modifique esse procedimento.

E, sem mais palavras, foi atender outro serviço.

Da segunda, era sábado e pagavam-se os salários pelas folhas.

(CONTINUA)

ARTES E LETRAS

N.º 2 Página de *Luís Bonifácio*

AS ALDEIAS

A doce paz

das suas eminências

Eu gosto das aldeias sossegadas,
Com seu aspecto calmo e pastoril,
Erguidas nas colinas azuladas —
Mais frescas que as manhãs finas de Abril.

Levanta a alma às cousas visionárias
A doce paz das suas eminências,
E apraz-nos, pelas ruas solitárias,
Ver crescer as inúteis florescências.

Pelas tardes das eiras — como eu gosto
Sentir a sua vida activa e sã!
Vê-las na luz dolente do sol-posto
E nas suaves tintas da manhã!

As crianças do campo, ao amoroso
Calor do dia, folgam seminuas:
E exala-se um sabor misterioso
Da agreste solidão das suas ruas!

Alegram as paisagens as crianças,
Mais cheias de murmúrios do que um ninho,
E elevam-nos às cousas simples, mansas,
Ao fundo, as brancas velas dum moinho.

Pelas noites de estio ouvem-se os ralos
Zunirem suas notas sibilantes,
E mistura-se o uivar dos cães distantes
Com o canto metálico dos galos...

Gomes Leal — (*Das «Claridades do Sul»*)

ANTÓNIO DUARTE GOMES LEAL, poeta notável, nascido em Lisboa em 1849. Autor de diversas obras que ficaram consagradas, entre elas: «Claridades do Sul», «O Anti-Cristo», «A Fome», etc. Morreu em 1921.

O PRIMEIRO JORNAL *publicado na* EUROPA

Está provado que o primeiro jornal que se publicou na Europa foi uma folha editada por Joham Carolus em Estrasburgo, em 1609, e que tinha o seguinte título: «Relação de todas as notícias notáveis e memoráveis que sucedem em alta e baixa Germânia, ou em França, Itália, Escócia, Inglaterra, Espanha, Polónia, Hungria, Transilvânia e Turquia, durante o ano de 1609. Todas as notícias recebidas serão impressas com o maior esmero possível».

Entre outras curiosidades, o primeiro número deste jornal contém uma carta de Veneza, datada de 4 de Setembro de 1609, em que se anuncia o descobrimento do telescópio, por Galileu, nestes termos:

«O Governo aumentou 100 coroas à pensão de Galileu Galilei, de Florença, professor em Pádua, porque inventou um instrumento que permite ver de perto os lugares afastados, ao mesmo tempo que os objectos próximos aparecem muito maiores que à simples vista».

O MAESTRO *Robert Shaw*

O «Robert Shaw Chorale» é talvez mais conhecido pelas suas interpretações com a Sinfonia da N. B. C. sob a regência de Toscanini e as suas memoráveis apresentações da Nona Sinfonia de Beethoven a da «Missa Solemnis» bem como da «Aida», «Falstaff» e «Baile de Máscaras». O grupo interpretou obras corais dos mais variados compositores, desde o antigo mestre alemão de música secular e religiosa Joaquin Des Pres, e o chamado «pai da música alemã» Heirich Schutz, até aos compositores contemporâneos, tais como o brilhante Igor Stravinsky, que se tornou cidadão americano em 1946, e os americanos Norman Dello Joio, Bernard Rogers, o pianista francês Frances Poulenc, bem como os mestres Bach, Beethoven e Hayden.

O chefe deste extraordinário grupo musical é um homem novo, dinâmico, meticuloso, para quem a perfeição é a unica aspiração. Dirige os seus cantores com a exactidão de um militar e extrai uma pureza de expressão musical que raras vezes se consegue neste domínio artístico. Analisa, esmiuça e escalpeliza a estrutura de uma música até que o seu conjunto harmónico se torna simples e óbvio. Daí em diante o trabalho de síntese torna-se fácil e perfeito para o coral, que o assimila e interpreta de maneira admirável. Foi talvez esta devoção pela música e por todas as formas musicais que levou Virgil Thompson, o crítico musical do «New York Herald Tribune», a dizer: «Não conheço ninguém que se lhe iguale actualmente no domínio da música coral».

De facto, o director deste conjunto de 30 cantores e da pequena orquestra que os acompanha é um dos mais altos valores do firmamento musical norte-americano. Nascido na Califórnia, o talento de Robert Shaw é reconhecido internacionalmente e a sua extraordinária energia e dinamismo constiuiram, na passada década, um dos mais importantes factores no grande impulso dado à arte coral através de todos os Estados Unidos. Shaw, que possui dois títulos de doutor «honoris-causa» em música, nunca os ostenta bem como pouca importância liga à sua crescente reputação como maestro em organizações como a Orquestra Sinfónica de Boston, as Sinfónicas da N. B. C. e A. B. C., a Filarmónica de Los Angeles, a Sinfónica de São Francisco, e a Sinfónica de San Diego da qual é director musical.

Indústrias Mortas

Algumas importantes indústrias locais, indústrias auxiliares da lavoura e indústrias caseiras, como a dos ferreiros, como a dos ourives, morreram pela transformação económica ou mecânica do trabalho, ou pela concorrência estrangeira; e não há indústrias novas que substituam as antigas.

O número dos ourives de tradição árabe que nos concelhos do Minho acumulam esta pequena indústria com a da lavoura, era há cerca de dez anos do triplo do que hoje é. Desde a introdução do ouro francês em 1870 oitocentas pessoas têm sido expulsas pela concorrência do trabalho da ourivesaria tradicional.

As antigas ferrarias do distrito de Braga, do concelho de Maia e de Penafiel, fecharam todas no decurso dos últimos quinze anos. O vasto fabrico das candeias de ferro, usadas em todas as casas e exportadas para a África e para o Brasil, cessou pela introdução do petróleo. O prego batido desapareceu perante a invasão do prego de arame fabricado à máquina nas grandes oficinas a vapor de Lisboa e Porto.

Nada mais melancólico, ao longo das antigas estradas carruajadas pela mala-posta e pelas diligências de Braga, do que o aspecto desses sucessivos pardieiros abandonados e enegrecidos que há tão poucos anos ainda eram as simpáticas oficinas dos ferreiros, onde logo ao romper do dia os caçadores e os viajantes ouviam repicar os malhos na bigorna, enquanto o fole do ferreiro ateava arquejante ao fundo das cabanas o rubro e alegre clarão das forjas.

Há nas cidades e nas grandes vilas a fundição e a serralharia, moderna, mas o antigo ferreiro, o modesto ferreirinho da tradição popular, desapareceu de todo, e já não há pelos caminhos a quem aplicar o inutilizado apodo:

Ferreiro da maldição,
Quando tem ferro
Não tem carvão!

A indústria de tradição pastoral da chamada *louça de pau*, a fabricação das gamelas, das concas e das colheres, declina também pela introdução de análogos utensílios feitos de ferro estrangeiro; nesse vasto cemitério que outrora foi a área das nossas indústrias rurais, o tamanqueiro é dos poucos sobreviventes, para pouco tempo decerto, porque os seus dias estão contados, como os do carpinteiro de carros, de rodas maciças iguais às das carretas celtas, e os do entalhador de jugos de bois, tão admiràvelmente esculpidos.

A indústria da construção naval acha-se extinta em toda a costa: e com a decadência da navegação definhou a indústria das rendas e das cordas. Das terras de Trás-os-Montes acabou de desaparecer há dez anos a cultura do bicho-da-seda e a fabricação das sedas admiráveis e dos veludos já famosos no século XVI. A olaria, de todas as nossas indústrias tradicionais a de evolução mais completa depois da ourivesaria, e portanto das de mais valor etnológico, tende a transformar-se em indústria de concorrência e está ameaçada de perder em pouco tempo o carácter local que lhe imprime a espontânea inspiração do povo.

Ramalho Ortigão

(De «As Farpas» vol. I)

José Duarte Ramalho Ortigão, escritor primoroso, nascido no Porto em 1836. Autor de «Em Paris», «As Prais de Portugal» «A Holanda»; «O culto da Arte em Portugal» e, sobretudo, as «Farpas» — o seu mais brilhante título de glória — célebre publicação mensal fundada, em 1871, por Eça de Queiroz e Ramalho e continuada a partir de 1872 só por esse Ramalho Ortigão.

Pela causticidade e viveza da sua crítica, pela originalidade das suas teorias estéticas e literárias, pela elegância do seu estilo, pela probidade e independência dos seus julgamentos e opiniões, as «Farpas» exerceram durante muitos anos uma acção tão salutar quanto eficiente na mentalidade portuguesa e brasileira. Reeditadas sob a forma de livro, depois de submetidas a uma coordenação metódica segundo a natureza dos assuntos, essas crónicas cintilantes de espírito e impregnadas de bom senso, ainda que por vezes revestidas de uma aparência paradoxal, encontraram em novas camadas de leitores o mesmo entusiasmo.

«Os LUSÍADAS»

Numa livraria estrangeira, para além dos Pirinéus, estiveram à venda alguns exemplares de primeiras edições de obras raras da nossa literatura. Uma delas era, nem mais nem menos, que um exemplar de «Os Lusíadas», da edição de 1572 (a do pelicano com a cabeça para a esquerda do observador). Outro, uma primeira edição da «Chrónica do Felicíssimo Rey D. Emanuel», de Damião de Góis, com a assinatura do autor.

Comentava, então, a Imprensa de Lisboa: «Deveria ser curiosa a história das vicissitudes por que passaram estes livros e é digna de meditação a sua valorização material, sempre crescente, a ponto de terem hoje estes exemplares mais valor para serem vistos do que para serem lidos. Já não são livros para leitores curiosos do que encerram, porque esses contentam-se com qualquer modesta edição, que lhes facilite o gosto de lerem Camões ou Góis, mas jóias de papel para bibliófilos desejosos de as encerrarem nas suas preciosas estantes. Em nada aumenta o seu custo o valor literário ou histórico dos autores, mas é bom sinal que ainda haja no comércio internacional quem se interesse pela expansão e aquisição de tais obras, como o provou o bem apresentado catálogo que anunciou algumas dezenas de raridades escritas em português, ou editadas em Portugal nos séculos XV, XVI e XVII e relativas quase todas aos nossos descobrimentos marítimos e viagens de exploração».

José Teodósio da Silva
(Herdeira)
Fábrica fundada em 1900 (em edifício próprio)
Fábrica de Gasosas, Refrigerantes, Soda water, Licores, Xaropes, Junípero, Cremes de todas as qualidades, etc.
Fabricos pelos sistemas mais modernos.
Rua Formosa 8 — Telef. 026204 — 9
MONTIJO